EQUILÍBRIO NO SILÊNCIO: LIÇÕES DE UM ENCONTRO SOBRE AGROFLORESTA

Há vitórias que não se anunciam. Elas acontecem por dentro, silenciosas, e só quem as vive sabe o peso que carregam. Foi assim num recente encontro sobre floresta sintrópica e agroflorestas, onde percebi, na prática, que o equilíbrio emocional se constrói mais no que se cala do que no que se fala.

Optei por não me expor diante do grupo. Falei pouco, apenas quando colegas me procuravam com perguntas específicas. Quando senti vontade de intervir com alguma informação que julgava relevante, mas percebi insistência demais em querer aparecer, escolhi o silêncio. Aprendi, naquele momento, a contar até três antes de responder, permitindo que o espaço vazio entre a pergunta e a resposta fizesse seu trabalho: o de amadurecer o pensamento antes da fala. Quando percebia que a conversa acelerava demais, parava. Essa pausa consciente, mais que técnica de comunicação, foi exercício de domínio próprio.

Havia, entre os participantes, alguém que se expunha com frequência, repetindo assuntos já discutidos, buscando espaço na fala. Em determinado momento, senti que essa pessoa precisava de apoio, não de crítica, e a elogiei. Não como estratégia para agradar ou massagear o ego, mas como gesto de caridade, um aprendizado que também trago de aproximações com o budismo: reconhecer o outro sem julgamento, oferecendo acolhimento onde parece haver insegurança.

A experiência mais marcante, porém, veio de um colega de profissão, engenheiro agrônomo como eu, que conduzia o encontro. Trabalhava em terra árida, difícil para o crescimento das plantas, ensinando em meio à floresta, entre folhas e biomassa, sem preocupação com estética ou organização aparente. Ministrou seu curso, gerou sua renda, e ao conhecer sua casa, constatei a mesma simplicidade que marcava todo o seu modo de ser. Encerrou tudo com a mesma discrição com que começou. Nenhuma exposição, nenhum grande fechamento. Apenas o trabalho, feito com dignidade.

Ali estava, diante de mim, a representação de um colega que, mesmo com formação e conhecimento técnico, optou pela simplicidade como forma de vida. Alguém que trabalha longe dos holofotes, sem jamais buscar o reconhecimento que muitas vezes se confunde com sucesso. Essa lição, recebida na simplicidade de um curso sobre agrofloresta, valeu mais que muitas palestras sobre liderança e gestão. Porque verdadeira sabedoria, muitas vezes, se revela no silêncio de quem trabalha sem precisar ser visto.

Sobre o autor: Ainor Lotério, engenheiro agrônomo, filósofo e teólogo, criador da Agrosofia e desenvolvedor da Agroteologia.